

Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

**Discurso proferido na sessão de 04 de novembro de 1953,
publicado no DCD de 05 de novembro de 1953, página 3747.**

O SR. ANDRE LE TROQUER (Palmas. Não foi revisto pelo orador) – Sr. Presidente, Senhores Deputados, caros colegas:

Trago a esta Assembléia a expressão de simpatia cordial do Parlamento francês e, particularmente, da Câmara dos Deputados, Assembléia Nacional. Desejo também, desde logo, expressar nossa respeitosa saudação ao Senhor Presidente Vargas, que, ontem, acolheu com uma calorosa cordialidade, que nos tornou sensíveis à amizade brasileira pela França.

Sou portador de uma mensagem para o Senhor Presidente desta Assembléia e vô-la desejo ler:

“A S. Exa Sr. Nereu Ramos, Presidente da Câmara dos Deputados do Brasil.

Paris, 23 de outubro de 1953.

Senhor Presidente:

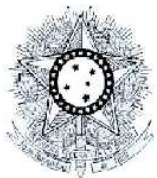
Meus Colegas da Assembléia Nacional terão a honra, que eu invejo, de avisá-lo. Uma vez que estou retido na França, permita-me V. Exa. dirigir-lhe algumas palavras de pesar é de fiel amizade pelo seu país.

O Brasil é caro a todos os corações franceses: não esquecemos nem a nossa comum cultura latina, nem a nossa aliança comum pela causa do direito da liberdade, que, por duas vezes, uniu nossos dois países nos campos de batalha. Possam eles, numa paz consolidada multiplicar os ... e coordenar seus esforços, a fim de que as mais nobres conquistas do passado frutifiquem, e se desenvolvam até seu termo.

É o voto que desejo formular, Senhor Presidente, rogando a V. Excelência que transmita a todos os seus colegas meus melhores augúrios de prosperidade pelas suas pessoas e por toda a Nação brasileira, recebendo a segurança de minha alta consideração e de meus melhores sentimentos.

O Prefeito de Lyon, Presidente da Assembléia Nacional. – E. Herriot”.

Senhores, o acaso das precedências e do protocolo parlamentar fez-me sentar no lugar do Líder da Maioria. E ouvindo há pouco o Sr. Pila eu tinha a impressão de dever



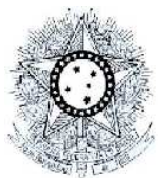
Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

responder a uma interpelação. Com efeito, o Senhor Pila – e sabemos que é uma de suas qualidades – conservou a lembrança de um certo número de grandes princípios do regime parlamentar. Lembro ao Sr. Pila que não sou o Líder da Maioria, que sou um convidado muito respeitoso das regras de cortesia internacional, e que não lhe responderei senão parcialmente, fazendo apenas o elogio do regime, caro a todos nós, segundo creio, o regime parlamentar. Na França, qualquer que seja o regime presidencial constitucional, quaisquer que sejam os poderes do Presidente da República; na França, a Assembléia que decide, que dirime, que é soberana, é a Assembléia eleita pelo sufrágio universal. Sei que é novo para o exterior apresentar-nos com fisionomia grosseiramente deformada: aparecemos como perturbadores. Espero, depois de nos ter entendido, ouvido e visto, tomar-nos a sério. Somos pessoas sérias; aplicamos nossa Constituição que torna os Ministros responsáveis diante da Assembléia saída do sufrágio universal. Os Ministros são responsáveis e, quando praticam qualquer coisa, muitas vezes os aprovamos, algumas vezes os desaprovamos e algumas e algumas vezes derrubamos o Governo. Dramatiza-se isso no exterior. Diz-se: “Que horror! Uma longa crise ministerial, que desordem nos negócios políticos franceses!” Isto não é muito justo. É o jogo, é a regra do regime de responsabilidade do Governo. Tem inconvenientes: tem sobretudo inconvenientes, porque no exterior, como eu dizia, julga-nos por grosseiras e inexatas aparências. Se uma coisa certa é que, na França, o regime parlamentar é o único que assegura a defesa da liberdade. Bateram-se muitas vezes na França para defender a República; ninguém a põe mais em causa hoje; não temos mais nenhum representante que se vanglorie de sentimentos monarquistas. Temos, mesmo, a cortesia, a polidez e a cordialidade de acolher até em nossas recepções oficiais os representantes daqueles que dirigiram a França durante tantos anos, e que, além disso, lhe trouxeram muita grandeza.

O Senhor Pila terminou o seu discurso – não crede que eu tenha uma vaidade feminina de quem conhece bem a língua brasileira, o que não é exato, pois me tinham traduzido o texto do discurso do Sr. Pila, o que me permitiu acompanhá-lo; o Sr. Pila terminou o seu discurso, afirmando-nos: como Florença e como Atenas, a França não perecerá! Seria eu indiscreto repetindo que nossa convicção, nossa vontade de sempre foi a de que a França não pereça? Não queremos que ela pereça! E pensamos bem que, quando estamos nesse estado de espírito e nesta vontade, respondemos aos votos de todos os homens que, na terra, no mundo, queiram defender os princípios da liberdade. A França não pereceu! Ela conheceu graves dificuldades. Duas vezes seguidas, em vinte e



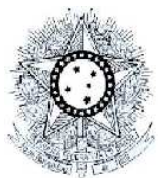
Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

cinco anos, o que é breve, conheceu a guerra, conheceu a invasão, perdeu centenas de milhares de homens e mulheres – milhões! Ela apenas se restabelecia em sua força, em sua tranquilidade, quando de novo conheceu uma queda injustificada, imerecida. Conheceu em uma guerra, que parecia breve, a destruição que não tinha experimentado em 1914-1918. Bateu-se de este a oeste, de norte a sul; destruíram-se suas casas, destruíram-se seus lares, destruíram-se todos os traços de sua civilização. Ela foi ferida de um extremo a outro de seu território. Durante quatro anos foi ocupada – e eu desejaria dizer aos que aqui me escutam que não foi uma ocupação por pessoas bem educadas, por gente cortês, mas uma ocupação por gentes que se acreditavam definitivamente vencedoras e que o fizeram sentir, arruinando, esterilizando as forças vivas da França. Ela sofreu muito, a França, e conheceu o que muitos dentre nós não podíamos imaginar. Em 1914-1918 eram somente os departamentos que estavam ocupados. Desta vez foram noventa departamentos, a integralidade da França, pois que ao contrário das convenções do armistício, a linha de demarcação separava teoricamente e fragilmente a ocupação do norte e a pseudo-liberdade do sul; a França inteira, em 1942, foi ocupada por invasores que se julgavam definitivamente em sua própria casa, e via-se nas paredes das cidades da França a lista dos homens e das mulheres cada manhã fuzilados sob acusação de terrorismo.

A França sofreu muito. Eis porque podemos afirmar a nossos amigos, qualquer que seja o ponto da terra em que se encontrem: sede compreensivos em relação a um país que tanto deu para salvaguardar por todos os seus meios, com toda a sua força, principalmente com toda sua vontade, princípios que nos são caros. Isto explica talvez que apareçamos no exterior, algumas vezes, como um país que não se restabeleceu suficientemente, que perdeu sua qualidade, seu dinamismo, sua vontade, seu esplendor. Peço-vos – oh!, sem humildade, com altivez mesmo, mas com o sentido necessário de lealdade e de franqueza; peço-vos compreender o que a França soube sofrer nas condições de sua reabilitação difícil, porque foi esterilizada e esvaziada. Ela se restabeleceu por esforços que correspondem a todos os que fazem os demais países que desejam ocupar ou guardar um lugar ao sol. Isto nos permite também pedir a nossos amigos que sejam compreensivos quanto as dificuldades suplementares que conhecemos. Há problemas agudos que se supõem. Temos de suportar uma guerra na qual possuímos um papel difícil. O fato é que, em 19 de dezembro, de 1946, era eu Ministro da Defesa no Governo presidido por um grande político francês, a quem todo o



Câmara dos Deputados

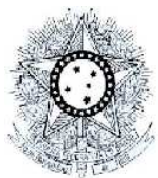
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

mundo rende hoje homenagens - Leon Blum. E a 19 de dezembro, de noite, Leon Blum me chamava para anunciar-me a horrível catástrofe que se derramava sobre a França e também sobre o mundo. Era o massacre dos franceses habitantes de Hanoi, no Tankin: era o começo da guerra da Indochina, que recomeçava. Sabeis, caros amigos, - permiti-me este título – o que isto representa para a França, faz sete anos? Centenas, milhares, milhões. Milhares, milhões, nada seriam: mas pesam sobre nossa economia francesa. Representa sacrifícios de homens. Sabeis este detalhe, que é horrível? Cada dia, faz cerca de sete anos, caem oficiais franceses, que desaparecem, que ceifados em nossa juventude, oficiais, suboficiais, homens. E a carne francesa que continua a ser mutilada por uma guerra; temos o direito de dizer que ela não é a nossa, que nós não a quisemos, que pretendemos salvaguardar ali os ideais humanos. E talvez, igualmente, quando nisso refletimos e quando olhamos um mapa, compenetramo-nos de que defendemos talvez uma das bandeiras necessárias à civilização e à liberdade.

Põe-se em causa o papel civilizador da França. Aqui estamos para dizer essas coisas – suponho em plena liberdade: ao contrário, temos uma África do Norte, e expresso a esperança que muitos dentre vós sejam acolhidos na França conforme o convite que vos fazemos, mas que ides precisamente, porque consideramos como França o outro lado do Mediterrâneo, na África do Norte, à Algéria, à Tunísia, o Marrocos, onde a civilização francesa está escrita, não apenas na vida social, nas construções e nos monumentos. É preciso ter percorrido a Tunísia, a Algéria, o Marrocos, para se convencer do que a França fez com sacrifício entre populações atrasadíssimas, onde a higiene não existia, as mulheres davam à luz crianças nas piores condições de sofrimento e de inutilidade, onde a profilaxia era inexistente e onde as mais horríveis moléstias reinavam. É preciso ver os médicos franceses levar seus cuidados às mulheres, às crianças, aos velhos: é preciso ver as condições de trabalho, as condições de higiene, as condições de vida social, para se compenetrar do esforço magnífico de civilização da França.

Quando estes problemas forem postos diante de vós, imaginai o que pôde o esforço francês, não para conquistar – somos numerosos, vós o sabeis – mas não há no Parlamento francês homens que tenham gosto pela conquista, pela guerra e pela violência: entendem somente que a França deve conservar seu papel, sua missão civilizadora. Ademais, a França conhece também como vós as dificuldades de organização do mundo moderno. O mundo moderno quer trabalhar, aspirar, criar



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

riquezas, pretende dispensar aos que as creiam, e instaurar condições de vida bem melhores para os homens. E quando se evoca, se a paz pudesse reinar, o que os homens conheceriam em benefício, em condições de vida magníficas, se tudo que é consagrado à preparação da à preparação da defesa ou da guerra, fosse consagrado a melhora da sorte dos povos! Conhecer-se-ia, provavelmente, depois do ano de 50 até os anos que se seguirem, uma era de prosperidade e de ventura que os homens não imaginam. Então! A França faz um esforço também para se associar, para se ligar aos esforços de organização da defesa da paz. Somos em favor da comunidade européia, somos muito mais ainda, porque consideramos que é uma etapa no caminho da comunidade de defesa do mundo livre, não para assegurar a conquista e a supremacia de alguém, mas precisamente para impedi-la

Apraz-me nesta Câmara do Parlamento brasileiro dizer que considero uma necessidade que o vosso belo país, que este país magnífico já tão cheio de realizações e tão cheio de promessas, esteja de mãos dadas num acordo espiritual, cultural, econômico e político, associado à França, para servir ao mesmo tempo à causa da paz e da liberdade! (Palmas prolongadas).